



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA  
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**JUCYANNE APARECIDA ROLIM DE OLIVEIRA**

**A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM: COMO  
ELA VEM SENDO APLICADA NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS?**

**CAMPINA GRANDE-PB**

**2019**

**JUCYANNE APARECIDA ROLIM DE OLIVEIRA**

**A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM: COMO  
ELA VEM SENDO APLICADA NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade da Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

**Área de concentração:** Educação

**Orientadora:** Prof. Me. Kátia Farias Antero

**CAMPINA GRANDE-PB**

**2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48a Oliveira, Jucyanne Aparecida Rolim de.  
A afetividade no processo de ensino-aprendizagem [manuscrito] : como ela vem sendo aplicada nas práticas pedagógicas? / Jucyanne Aparecida Rolim de Oliveira. - 2019.  
43 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.  
"Orientação : Profa. Ma. Prof. Me. Kátia Farias Antero, Departamento de Educação - CEDUC."  
1. Afetividade. 2. Ensino-aprendizagem. 3. Relação professor-aluno. 4. Educação primária. I. Título  
21. ed. CDD 372

JUCYANNE APARECIDA ROLIM DE OLIVEIRA

**A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM: COMO  
ELA VEM SENDO APLICADA NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS?**

Monografia apresentada ao Departamento  
de Pedagogia da Universidade Estadual da  
Paraíba sob exigência parcial para obtenção  
do título de Graduada em Pedagogia.

Área de concentração: Educação

Aprovada em: 05/11/2019

**BANCA EXAMINADORA**

Kátia Farias Antero

Profª. Me. Kátia Farias Antero (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Nelsânia Batista da Silva

Profª. Dra. Nelsânia Batista  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Wanderléia Farias Santos

Profª. Dra. Wanderléia Farias Santos  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À Deus, pela força e coragem, Dedico.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus pelo direcionamento, não me deixando em nenhum momento desistir do seu propósito, me dando forças naquelas madrugadas frias. Confesso que demorei para entender o sentido do seu chamado, e ELE foi capacitando-me, permitindo que eu renascesse para uma nova vida, cuidando e me protegendo diariamente. Quando finalmente compreendi que aquela jornada não era apenas acadêmica, não o questionei mais. Descobri que o amor de Deus por mim é grande demais, e a partir da oportunidade que ELE me deu através da Universidade transformou-me na filha agradecida, amada e feliz que sou hoje.

À minha família, em especial ao meu esposo Alexandre Rolim, e meus filhos Alan Eduardo e Lorena Laís, pelos momentos que precisei ausentar-me para conseguir alcançar este objetivo.

Aos meus pais José Guilherme de Oliveira, pelas vezes que me esperava, colaborando para que eu chegasse em casa mais cedo. E minha mãe Joselene Duarte Oliveira, pelas orações, ajudando-me à acreditar que valeria a pena enfrentar aquela jornada diária.

Aos meus irmãos, Guilherme Luiz Magno, Juliana Duarte e Myllena Luiza, pela força e disponibilidade nos momentos que precisei de apoio. Às minhas amigas incentivadoras, que desde a Escola Normal me impulsionaram à retomar meus estudos, Cleonice Terto, Vannilla Vidal e Neves Honório.

Às amigas especiais que conheci no 1º semestre na Universidade, Manuela da Silva e Fabiana Marques, pelo companheirismo e amizade.

Às amigas inesquecíveis que conheci no 3º semestre ao retornar para a Universidade, sempre foram parceiras, companheiras, fiéis, colaborando com o meu desempenho, dando-me forças, e ajudando-me sempre no que precisava, por todos os momentos bons e também pelos difíceis que passamos juntas: Kátia Luna de Almeida, Juliana Soares, e Maria da Piedade Paulino, serei eternamente grata.

À minha orientadora Kátia Antero por ter aceitado meu convite, dando-me segurança e atenção desde o início desta pesquisa.

As pessoas que Deus me enviou como anjos, aquelas que em dias difíceis foram portadoras da palavra DELE, dando-me sabedoria e ânimo para suportar as batalhas que enfrentei neste percurso. Por fim, minha sogra Odete Rolim, pelas inúmeras vezes que colaborou em minha casa, ficando com meus filhos principalmente quando estavam doentes.

“Não se pode falar de educação sem amor”.

Paulo Freire

## **RESUMO**

A presente pesquisa apresenta uma abordagem sobre a importância da afetividade nas práticas pedagógicas, uma vez que percebemos o quanto o vínculo afetivo é determinante no desenvolvimento do educando. Nesta perspectiva, a pesquisa tem por objetivo geral refletir como a afetividade tem contribuído com o processo de ensino-aprendizagem e nas relações pedagógicas professor-aluno. De maneira específica, discutir os principais aspectos da afetividade nas concepções e teorias de Wallon, Vigotsky e Piaget, analisar as relações aluno- professor nas práticas pedagógicas e investigar de que forma a prática pedagógica relaciona o ensino-aprendizagem à afetividade. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, de cunho bibliográfico. Refere-se à um estudo de caso, realizado em uma Escola Municipal de Campina Grande-PB, nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Foram utilizados como instrumentos para coleta de dados anotações acerca de observações na sala de aula e aplicação de questionário com a professora da turma. Compreende-se que a afetividade é como uma fonte que gera respeito, amorosidade, diálogo, confiança e auto-estima, sendo imprescindíveis nas relações entre professor-aluno. Nesta perspectiva, a afetividade no processo de ensino-aprendizagem: Como ela vem sendo aplicada nas práticas pedagógicas?

**Palavras-Chaves:** Afetividade. Ensino Aprendizagem. Relação professor-aluno.



## **RESUMEN**

La investigación presenta un enfoque sobre la importancia de la afectividad en las prácticas pedagógicas, una vez que nos damos cuenta de cuánto determina el vínculo afectivo en el desarrollo del estudiante. Desde esta perspectiva, la investigación tiene como objetivo reflejar cómo la afectividad ha contribuido al proceso de enseñanza-aprendizaje y las relaciones pedagógicas profesor-alumno. Específicamente, discute los principales aspectos de la afectividad en las concepciones y teorías de Wallon, Vigotsky y Piaget, analizar las relaciones alumno-maestro en las prácticas pedagógicas e investigar cómo la práctica pedagógica relaciona la enseñanza-aprendizaje con la afectividad. Esta es una investigación cualitativa, de naturaleza bibliográfica. Se refiere a un estudio de caso, realizado en una escuela municipal de Campina Grande-PB, en los primeros años de la escuela primaria. Usamos como instrumentos para las anotaciones de recopilación de datos sobre observaciones en el aula y la aplicación de cuestionarios con el profesor de la clase. Comprende que el afecto es reconocido como una fuente que genera respeto, amor, diálogo, confianza y autoestima, siendo indispensable en las relaciones profesor-alumno. Por lo tanto, ¿afectividad en el proceso de enseñanza-aprendizaje: ¿Cómo está siendo aplicada en las prácticas pedagógicas?

**Palabras clave:** Afectividad. Enseñanza Aprendizaje. Relación profesor-alumno.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>2 CONCEPÇÕES TEÓRICAS SOBRE AFETIVIDADE.....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>3 A AFETIVIDADE X RELAÇÃO ALUNO-PROFESSOR.....</b>	<b>23</b>
<b>CAPÍTULO III</b>	
<b>4 AFETIVIDADE E A PRÁTICA DOCENTE.....</b>	<b>28</b>
<b>5 METODOLOGIA .....</b>	<b>34</b>
<b>6 ANÁLISE E DISCUSSÕES .....</b>	<b>36</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>43</b>
<b>APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS ...</b>	<b>46</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Tão significativo quanto as metodologias de ensino desenvolvidas no cotidiano escolar é a dimensão que a afetividade ocupa na construção do conhecimento. No entanto, percebe-se que muitos profissionais da área educacional não atribuem valor significativo para a importância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem. A justificativa para essa pesquisa surgiu a partir das experiências no Programa Residência Pedagógica, o qual possibilitou-nos perceber no âmbito escolar o quanto o afeto pode modificar comportamentos, atitudes e principalmente na aprendizagem de alunos. Assim, esta pesquisa tem por objetivo geral refletir como a afetividade tem contribuído com o processo de ensino-aprendizagem e nas relações pedagógicas professor-aluno nos anos iniciais do Ensino Fundamental. De acordo com essa ênfase, convém destacar enquanto objetivos específicos, Discutir os principais aspectos da afetividade nas concepções e teorias dos autores Wallon, Piaget e Vigotsky; Analisar as relações professor-aluno nas práticas pedagógicas; Investigar de que forma a prática pedagógica relaciona o ensino-aprendizagem à afetividade. É importante ressaltar que nesta pesquisa consideramos a afetividade com um ponto de vista nas manifestações que envolve diferentes sentimentos, tanto as de origem biológica, quanto as de origem psicológica. Um dos princípios primordiais no ato de educar requer uma relação pedagógica pautada no respeito, no afeto, e no cuidado com outro. Ao termos consciência de tais relações afetivas que acontecem no cotidiano escolar, entre professor- aluno naturalmente nos momentos de mediação da aprendizagem está em consonância com uma educação mais humanizada, assegurando que esta aprendizagem não se distancie do ser que sente, pensa, e necessita de atenção. Para tanto, tentamos evidenciar o quanto a afetividade está presente no espaço escolar e o quanto este mecanismo é determinante na vida.

Ao se refletir sobre a afetividade percebe-se que é um processo que está diretamente ligado à formação do caráter de um determinado sujeito. Quando falamos em afetividade, verificamos que o sujeito é afetado em diferentes maneiras, considerando as demonstrações de carinho e amor. Essas demonstrações são transmitidas de uns para outros, a ausência ou o pouco desses afetos durante a vida de um sujeito podem trazer inúmeros transtornos quando crianças, ou situações mais complexas quando adultos, seja mais propenso a desenvolver desânimo, falta de confiança, tristeza, e ansiedades.

Tendo em vista que a educação é um processo pelo qual o sujeito se constitui,

a criança seja em casa ou na escola desenvolve hábitos, costumes e valores que vão se fortalecendo nas experiências com o outro, vividas de maneira coletiva, é neste contexto que também ocorrem os confrontos de ideias, opiniões e desafios, sendo o afeto um dos aspectos mais relevantes para a contribuição de uma agradável convivência social e com desenvolvimento humano. Com base nessas reflexões podemos situar a seguinte questão: Nunca na história da humanidade avançamos tanto em termos tecnológicos, entretanto, estamos carentes de vínculos afetivos importantes para a formação da humanidade em cada indivíduo, como para a sociedade. Diante disso, como a afetividade pode influenciar no processo de ensino-aprendizagem?

Como hipóteses para este estudo destacamos: De acordo com Vigotsky(1994), Wallon(1999), A afetividade é uma ferramenta essencial no processo educativo, uma vez que favorece a socialização entre os alunos, auxilia na formação da personalidade da criança, estimula as atitudes de solidariedade, responsabilidade e tolerância às diferenças, e ainda contribui no desenvolvimento intelectual, possibilitando que a criança amplie valores e se reconheça como um ser crítico e autônomo. A pesquisa terá como fundamentação teórica autores que consideram de forma significativa a afetividade no processo de ensino-aprendizagem. Escolhemos a pesquisa de cunho qualitativo, com abordagem descritiva sendo a mais próxima de relatar a realidade e as experiências, trazendo considerações alicerçadas em autores como: Wallon, (1999), Vigotsky, (1994) Piaget, (1971), dentre outros. Para tanto, como percurso metodológico, recorreremos as observações em uma sala de aula do 3º ano do ensino fundamental I, em uma escola Municipal de Campina Grande- PB, tendo como sujeito de estudo um dos alunos. As observações foram realizadas por um período de 7 meses.

A fundamentação teórica está subdividida em três capítulos. Sendo o primeiro capítulo dissertando sobre as teorias psicogenéticas de Henry Wallon, Lev Vigotsky e Jean Piaget. Aborda-se as fases de desenvolvimento da criança nas percepções dos autores, em busca de compreender como a afetividade apresenta-se durante esse processo de desenvolvimento. O segundo capítulo enfatiza as relações professor-aluno nas práticas pedagógicas, evidenciando a importância da afetividade nas relações interpessoais, de maneira que se compreenda que o diálogo, a atenção e o carinho são instrumentos essenciais que auxiliam no processo de ensino aprendizagem. No terceiro capítulo, abordamos a afetividade no processo de ensino aprendizagem, sendo uma condição favorável para o desenvolvimento do

aluno, levando em consideração as atitudes, a forma receptiva, e convidativa que o docente se utiliza em suas práticas, ou seja, a maneira de ser, atuar e de falar, influenciam profundamente no comportamento das crianças, esses fatores quando aprendizagem.

A temática em estudo apresenta uma relevância imprescindível para ser trabalhada no contexto da sociedade em geral, entretanto, no contexto da educação se apresenta como primordial, inclusive no processo de formação de professores/as. A educação é imprescindível para a gente pensar na possibilidade de uma sociedade melhor, mas não pode ser qualquer educação, mas aquela que eleve a humanidade numa cultura da solidariedade, do respeito e do afeto.

## CAPÍTULO I

### 2 CONCEPÇÕES TEÓRICAS SOBRE A AFETIVIDADE

Para aprofundarmos os conceitos e contribuições da afetividade que estão relacionadas com o desenvolvimento das crianças nas perspectivas biológicas e psicológicas, faremos uma breve síntese sobre as teorias do desenvolvimento de autores como Henry Wallon, Lev Vigotsky e Jean Piaget, que tiveram grande influência na educação, e através delas busca-se solucionar e compreender alguns problemas educativos.

Henry Wallon (1879-1962) foi psicólogo, filosófico, médico e político francês. Tornou-se muito conhecido por desenvolver trabalhos científicos sobre a Psicologia do desenvolvimento. O estudioso defende que o desenvolvimento humano está aliado ao meio no qual o indivíduo está inserido, nos aspectos cognitivo, afetivo e motor, e ainda explica que a relação entre a personalidade e a emoção é de suma importância para o desenvolvimento psicomotor, e o papel da emoção é extremamente fundamental para o desenvolvimento infantil.

Wallon (1999), em sua teoria psicogenética considera o sujeito em sua totalidade, ou seja, o espaço físico onde ele se insere, as emoções e a afetividade se deparam numa mesma esfera. Logo, compreende-se que a afetividade surge com uma ferramenta auxiliadora no processo de ensino-aprendizagem pertinente a integração da criança por meio da sensibilidade, através do estímulo, do ânimo, e da compreensão, promovendo o desenvolvimento emocional e cognitivo do educando.

A teoria walloniana apresenta-se indispensável para o desenvolvimento humano, considerando principalmente os fatores emocionais. Na concepção do autor, desde os primeiros anos de vida, o sujeito já se utiliza desse modo para se comunicar. Wallon destaca a ideia partindo de situações cotidianas vivenciadas entre a mãe e o neném. Observa-se o momento que o neném está com fome ou sentindo alguma dor, ele se comunica chorando para manifestar suas necessidades, mesmo não podendo expressar-se falando, ele acabainduzindo a mãe à entender sua vontade. Sendo assim, percebe-se que o neném demonstra por meio de suas reações o afeto que necessita.

Ao defender este caráter biológico das emoções, o autor foi um dos pioneiros a analisar as questões emocionais no contexto da sala de aula, compreendendo que a criança sente e reage diferentemente em cada meio e em determinadas circunstâncias de sua vida. O convívio com os colegas de sala devem ser estabelecidos de maneira que

alguns importantes conceitos como o respeito, a tolerância, a solidariedade e outros sejam percebidos e vivenciados, levando-os à identificar possibilidades de reconhecer seus limites nas ações e relacionamentos a partir dos valores que os orientam.

Neste sentido, o professor exerce uma função essencial na vida do aluno, além de trabalhar os conteúdos, deve ajudá-lo a lidar com as emoções, pois a medida que a criança tem clareza das próprias emoções aprende a lidar com situações diversas, consegue se relacionar melhor com os demais, e pode expressar seus sentimentos sem medo e sem constrangimento. Sabendo que falar dos afetos na sala de aula por vezes é considerado uma barreira, alguns docentes entendem que esse espaço é lugar exclusivo para apresentar conteúdos e transmitir conhecimentos, logo acreditam que a afetividade estaria em um segundo plano, visto vez que a importância para o desenvolvimento do aluno persistem nos aspectos cognitivos. Outros, consideram as questões emocionais como sendo mais um dos problemas vivenciados em salas de aula, passando à assumir as funções de pais até mesmo de psicólogos na tentativa de resolver algumas situações.

Neste sentido, verificamos uma gama de sentidos que a afetividade apresenta-se na concepção de alguns docentes, pode-se afirmar que não se trata de absorver esses argumentos em sua totalidade, pois assim surgiria muitas respostas dicotômicas, o que discutimos com clareza se refere a consciência de que não é questão de escolha se as emoções estão presentes no âmbito escolar ou não, pois elas estão e devem ser consideradas, tanto quanto a aprendizagem é significativa para o avanço do aluno.

Wallon (1978), ressalta que a criança conecta-se com um mundo simbólico, através das manifestações afetivas que permeiam as relações, destacando a afetividade como sendo uma fonte de conhecimento. Compreende-se a emoção numa concepção genética e de desenvolvimento, a proporção que o sujeito se desenvolve as emoções transformam-se em formas de expressão mais complexas, aquilo que antes era expressado pelo corpo, a linguagem oral e a capacidade de interpretação, se evolui e vai enriquecendo as novas maneiras de manifestações. Desse modo, é essencial a colaboração do professor, enquanto formador e educador para lidar com essas emoções no espaço educacional.

De acordo com Wallon, a afetividade, evidencia-se a partir do nascimento do sujeito, o afeto exerce grande influência em seu desenvolvimento, transparecendo através de comportamentos e no estabelecimento das relações sociais.

Dessa forma, entende-se a importância da criança inserida no espaço escolar, visto que a convivência com os amigos é fundamental para seu desenvolvimento. As relações que são construídas durante esse processo educativo possibilitam que a criança

se reconheça em um grupo, e assim as diferentes maneiras de relacionar-se com o outro vão favorecer as atitudes e as trocas de sentimentos nessas relações.

Para Wallon, a afetividade é compreendida como um conjunto funcional que corresponde às sensações de bem estar e mal estar, quando o sujeito é atingido e afeta o ambiente que o cerca (DÉR, 2004, p.64).

Diante disso, não podemos desconsiderar os aspectos emocionais, principalmente no espaço escolar, onde se deve trabalhar questões relacionadas à amizade, como lidar com os medos, o respeito pelo outro e compreender a importância dos sentimentos em nossa vida, e nem mesmo o professor pode despir-se de suas manifestações afetivas no momento que está construindo os saberes, pois esse é um dos momentos da criança mais propícios ao seu desenvolvimento.

Essa compreensão afetiva deve ser respeitada, uma vez que se fundamenta desde a própria formação do sujeito, sendo extremamente importantes para o desenvolvimento humano e a evolução da inteligência.

De acordo com Wallon (2008, p.61), a afetividade relaciona-se com expressões nas perspectivas que envolvem tanto os aspectos biológicos como os psicológicos. Nas quais as expressões biológicas são caracterizadas pelas emoções e as expressões psicológicas são caracterizadas pelos sentimentos. O autor ainda afirma que o surgimento da afetividade e das emoções promove a transformação das emoções em sentimentos. Para Galvão:

As emoções, assim como os sentimentos e os desejos, são manifestações da vida afetiva. Na linguagem comum costuma-se substituir emoção por afetividade, tratando os termos como sinônimos. Todavia, não o são. A afetividade é um conceito meio abrangente no qual se inserem várias manifestações. (Galvão 1999, p.61).

Portanto, no processo de ensino-aprendizagem o professor deve transcender seu conhecimento científico e da práxis pedagógica, abrindo espaço para o diálogo, para as trocas de afeto. Isso pressupõe que passe a atuar com a intenção de preparar seu aluno para além de conhecimentos educativos, buscando prepará-los para serem sujeitos conscientes e responsáveis nas forma de agir, pensar e sentir.

Na concepção Walloneana, o desenvolvimento humano ocorre em uma possível sequência de estágios, no qual são reveladas as características peculiares de cada sujeito, as generalidades que constituem uma pessoa. Segundo Wallon, o foco não está na idade, mas nas atividades e interesses específicos que se desenvolvem durante as cinco fases de seu desenvolvimento. Esses estágios apontam que o motor, afetivo e o cognitivo, embora sejam estruturalmente diferentes estão associados, revelando as características



da espécie, são historicamente e culturalmente determinadas.

O primeiro estágio é denominado de impulsivo-emocional: (de 0 a 1 ano); Nesta fase, a criança simboliza sua afetividade por meio dos movimentos, como forma de entender o mundo ao seu redor, e a percepção de seu próprio corpo. Com isso, uma das principais formas de expressão é o toque, como maneira de interagir com o ambiente e com as pessoas, manuseando objetos, engatinhar, e brincar.

O segundo estágio sensório-motor e projetivo: (1 a 3 anos); Nesta fase, a criança revela suas experiências emocionais, um dos principais interesses é a exploração sensório-motora do mundo físico, descobre o mundo dos objetos, e começa a atuar concretamente, tornando-se capaz de diferenciar-se gradativamente dos outros e desenvolver uma maior autonomia. Nesta fase, acontece o desenvolvimento das funções simbólicas e da linguagem.

A inteligência é considerada a prática simbólica, obtida pela interação dos objetos com seu próprio corpo, e a inteligência discursiva, adquirida pelas imitações e apropriação das linguagens. O termo projetivo refere-se ao fato da ação do pensamento precisar dos gestos para se exteriorizar, ou seja, o ato mental projeta-se em atos motores. De acordo com Wallon, o ato mental se desenvolve a partir do ato motor.

O terceiro estágio conhecido como Personalismo: (3 a 6 anos); Nesta fase, a criança se volta para si mesma, começa a construir sua própria identidade, como forma de diferenciação do eu e o outro, se coloca em oposição, começa a diferenciar o que é dela e o que é do outro. Neste processo de mudança do estágio do sensório motor e projetivo para o personalismo, há um forte predomínio das afetividades, onde o desenvolvimento emerge e orienta o processo de formação da pessoa. Esta formação da pessoa é permeada por conquistas, contradições, conflitos e crises que aparecem e reaparecem durante esse desenvolvimento.

O quarto estágio é denominado de Categorical:( 6 a 10 anos); Nesta fase, a criança começa a organizar suas ideias, ou seja, passa a perceber que existe uma diferenciação de si própria e do mundo que a cerca. Neste estágio, as potencialidades da criança são determinadas pelo meio que está inserida. Adquire capacidade de representar a realidade concreta e reunindo-as em categorias, há exaltação da inteligência sobre as emoções. Segundo Wallon, nesse período a criança apresenta uma capacidade elevada de memorização, conseguindo abstrair conceitos concretos, sendo um dos momentos mais propícios ao seu desenvolvimento.

Por último, apresenta-se o estágio caracterizado de Puberdade ou Adolescência: (a partir dos 11 a 12 anos, duração variável); Nesta fase a criança passa por um processo de

transformações, tanto nos aspectos físicos como nos psicológicos. Ela é afetada em todos os sentimentos, havendo uma crise de separação da criança para o adulto, decorrendo inúmeras modificações fisiológicas, resultantes da ação hormonal. Esta etapa é caracterizada como um processo complexo para o adolescente, sendo marcada por crises existenciais, que só um pouco mais tarde vão estabelecendo os níveis de concepções pessoais.

O exercício dos estágios procede o que as ideias Walloneanas caracterizam de predominância funcional, ou seja, “momentos predominantemente afetivos, isto é subjetivos e de acúmulo de energia, sucedem outros que são predominantemente cognitivos, isto é objetivos de dispêndio de energia” (GALVÃO, 1995, p. 45).

Neste sentido, a afetividade significa em cada estágio um tipo de representação, que irá se desenvolver de acordo com as necessidades e viabilidades de cada sujeito. Gradativamente, pode-se observar os avanços das crianças nas relações sociais e com o ambiente. Compreende-se assim que, as expressões de afetividade são fortalecidas cada vez mais em virtude do convívio com outras pessoas.

A teoria psicogenética de Wallon contribui para que o docente possa refletir sobre a formação do aluno, em uma compreensão do ser completo, percebendo as fases de desenvolvimento, apoiando-se nas observações cotidianas nas salas de aulas, considerando que os docentes precisam estar atentos à esses aspectos no ambiente escolar, sendo a afetividade, a cognição e o ato motor, fundamentais nesse processo de desenvolvimento.

Pensando nisso, Almeida e Mahoney (2007, p.81) enfatizam que, para Wallon, “é dever da escola oferecer às crianças, sem discriminação, o que existe de melhor na cultura”, portanto, é necessário que esta busque aprimorar os conceitos, principalmente à respeito de socialização. O ambiente escolar tem o dever de proporcionar ao aluno um espaço salutar, sem qualquer tipo de diferenças de credo, cor, ou raça. Deve priorizar o desenvolvimento integral e fortalecer as relações humanas, demonstrando o compromisso com o seu aluno.

Outro autor conhecido pela teoria do desenvolvimento foi Lev Seminovitch Vigotsky (1896-1934), nasceu na Rússia, foi psicólogo reconhecido nos meios acadêmicos ocidentais depois de sua morte, aos 38 anos. Teve mais de duzentas obras escritas, as temáticas variavam desde a neuropsicológica, deficiência mental até a crítica literária. Sendo um dos mais importante pensadores pioneiros na noção de que o desenvolvimento intelectual das crianças ocorre em função das interações sociais e condições de vida, também foi um dos primeiros defensores da associação da psicologia

cognitiva experimental com a neurologia e a fisiologia, ao persistir sobre a ideia de que as funções psicológicas são resultados da atividade cerebral.

O estudioso supracitado se dedicou principalmente ao estudo do que pode-se chamar de psicologias superiores, ou seja, ele buscava entender os mecanismos psicológicos mais incompreensíveis que envolviam o comportamento do sujeito, a conduta intencional e a liberdade, em vinculação as características do momento e do seu espaço.

Vigotsky teve um olhar voltado para a escola e também para o professor, considerando relevantes as intervenções pedagógicas na formação do sujeito. Em sua teoria, verificamos um pensamento holístico, o qual explica a relação entre o afeto e o intelecto, e investiga o conceito que separa o cognitivo e afetivo do psicológico. Segundo ele, não há possibilidades de separar as propensões afetivas dos fatores intelectuais.

Sobre isso, Oliveira afirma:

Vigotsky menciona, explicitamente, que um dos principais defeitos da psicologia tradicional é a separação entre os aspectos intelectuais, de um lado, e os volitivos e afetivos, de outro, propondo a consideração da unidade entre esses processos. Coloca que o pensamento tem sua origem na esfera da motivação, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afeto e emoção. Nesta esfera estaria a razão última do pensamento, e assim, uma compreensão completa do pensamento humano só é possível quando se compreende sua base afetivo-volitiva (1992,p.76).

Neste sentido, verificamos o quanto a motivação é importante no ambiente escolar, além das atitudes do docente frente aos alunos ao mediar sua prática, pode despertar atenção e curiosidades, elementos que podem favorecer o desejo de desenvolver algo com maior interesse e entusiasmo.

Vigotsky buscou estruturar uma nova abordagem teórica sobre o desenvolvimento humano, de forma ampla, destacando em seus estudos que os aspectos históricos- culturais são próprios dos sujeitos no processo de aprendizagem. Portanto, muitas de suas concepções são discutidas nos cursos de formação docente como contribuição de sua obra para a práxis pedagógica.

De acordo com Vigotsky (1994, p. 75), o desenvolvimento da criança dar-se de forma interacional, sendo construído nas relações com o outro, nas trocas de experiências, a partir do contexto do qual faz parte. Nesses aspectos expostos pelo autor, compreende-se que a criança precisa desenvolver o cognitivo, portanto, necessita do envolvimento com o outro, com o meio social, sendo de fundamental importância o aprendizado na coletividade, pois as inter-relações com outros sujeitos possibilita e ativa as novas experiências e novos conhecimentos.

O autor ainda enfatiza para além das influências das interações sociais, há relevância da socialização no processo de formação do conhecimento, e destaca a afetividade para a construção do próprio sujeito e suas ações.

Dessa forma, a apropriação do conhecimento ocorre com base em um processo de inter-relação, na comunicação com o outro, no convívio social, é a partir da integração cultural que a criança vai se desenvolvendo (TASSONI,2000).

Portanto, com base nas relações entre os sujeitos, é que se caracterizam os níveis de afetividades, e estabelecem-se fatores determinantes para o desenvolvimento, pressupondo que esses processos de internalização abarcam os aspectos cognitivos com os afetivos. A comunicação oral, a expressividade e a convivência construtiva, são um dos importantes fatores que contribuem com as relações saudáveis entre alunos e professores, implicando numa relação afetiva com maior êxito no ensino- aprendizagem (TASSONI,2010).

Na concepção Vigotskiana, a mediação é a maneira que identifica a relação do sujeito com o mundo social (BERNI,2006). A interação ocorre através da atividade, e da socialização, o sujeito se utiliza de instrumentos e signos para compreensão desenvolvendo o conhecimento e novas aprendizagens (FACCI, 2004).

Neste sentido, Facci (2004, p. 64) salienta que as ações mediadas em consonância com as funções psicológicas superiores que são caracteristicamente humanas como a concentração, ideias, o raciocínio, e outros, “são produtos da atividade cerebral, têm uma base biológica, mas fundamentalmente, são resultados da interação do indivíduo com o mundo, interação mediada pelos objetos construídos pelos seres humanos”.

Ao estabelecer um diálogo com outros espaços culturais, explorando o que esses espaços oferecem para a aquisição de conhecimento, o sujeito vai evoluindo, saindo de um processo reflexivo para formas mais abstratas, que vão possibilitar-lhe entender e controlar a realidade. Portanto, compreende-se que a mediação é um processo que se apresenta auxiliando na construção do próprio indivíduo, bem como em suas maneiras de agir (TASSONI, 2000).

Vigotsky (1998) especifica o desenvolvimento da criança através de dois níveis, o qual identifica o primeiro como o desenvolvimento real, ou seja, aquilo que a criança consegue realizar sozinha, compreendendo que esse nível é completo, envolvendo as funções psicológicas que a criança já construiu até o momento. O segundo, destaca como nível de desenvolvimento potencial, sendo aquilo que a criança ainda não consegue realizar sozinha, no entanto com a ajuda de alguém ela é estimulada e posteriormente será capaz de realizar.

O distanciamento entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial, evidencia o que Vigotsky designou de Zona de Desenvolvimento Proximal: “A Zona de Desenvolvimento Proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, que estão, presentemente, em estado embrionário” (Vigotsky 1984, p. 97).

Logo, percebemos a influência da mediação do professor no processo de ensino-aprendizagem, bem como a contribuição das relações com os colegas de sala, e as práticas pedagógicas utilizadas durante o processo de desenvolvimento. O docente deve levar em consideração principalmente o conhecimento prévio que o aluno traz para a escola, beneficiando-o para alcançar outro nível de aprendizagem.

O estudioso Jean Piaget (1896-1980) foi psicólogo, biólogo, e filósofo, dedicando-se a vida a submeter-se à observação científica rigorosa no processo de aquisição de conhecimento pelo ser humano, particularmente a criança. Piaget destacou-se mundialmente por sua teoria sobre a inteligência e o desenvolvimento infantil, despertando a base para inúmeros estudos nas áreas da psicologia e na área da pedagogia.

Piaget observou os processos de desenvolvimento da criança desde a infância, dando ênfase principalmente a compreensão dos estágios do desenvolvimento cognitivo. Compreende-se que cada estágio representa um tipo de estrutura cognitiva que viabiliza diferentes maneiras de relação com o meio. Dessa forma, entende-se que a criança transforma-se mediante cada fase de seu desenvolvimento.

O sujeito revela diferentes comportamentos adaptativos pertinentes em relação ao meio, que por vez manifesta-se como sujeitos de características biológicas inegáveis, sendo fonte da constituição da própria inteligência. Segundo Piaget, o desenvolvimento psíquico inicia-se quando nascemos, prosseguindo até a maturidade, podendo assemelhar-se ao crescimento orgânico. Assim, o conhecimento humano caracteriza-se por diferentes formas e determinadas idades, na qual o sujeito pode atuar e refletir no meio onde está inserido. Piaget destaca essas formas, classificando em estágios que representam os diversos modos da criança pensar e agir. Partindo das teorias piagetianas de que os fatores internos predominam sobre os externos, o autor afirma que o desenvolvimento segue uma sequência de estágios, e que possuem características próprias, sendo o primeiro a preparação para o estágio seguinte, que ocorrem de acordo com cada faixa etária. Sendo eles:

**Sensório-motor (0-24 meses):** Neste estágio a criança ainda não tem organizada

a função simbólica. Os processos da inteligência sensório-motor vão sendo estabelecidos, mas ainda não manifesta formas de pensamento e de afetividade definidos. Entretanto, nesta fase a criança consegue coordenar informações mediante as atividades sensória e motora, um desenvolvimento mental caracterizado por subestruturas cognitivas, o qual ainda há ausência da linguagem, posteriormente surgem as construções perceptuais e intelectuais dos períodos seguintes, assim como para o desenvolvimento da afetividade. Piaget ressalta que a inteligência antecede a linguagem, ou seja, a construção de uma base na qual se organizará a inteligência. Para ele, existe uma assimilação, que permite que as experiências do neném se integrem às estruturas já construídas, evoluindo-se e desenvolvendo-se em funções das novas assimilações.

**Pré-operatório (2-7 anos):** Este período é marcado pelo início das funções simbólicas, principalmente pela linguagem, neste momento inicia-se também um contato com o mundo exterior. A criança será capaz de reconstituir ações passadas, utilizando-se da linguagem para antecipar as ações futuras. Esse desenvolvimento mental possibilita as trocas de relações, denomina-se de socialização da ação, que designa a linguagem interior e o sistema de signos. A afetividade apresenta-se de forma significativa, aparecendo sentimentos interindividuais, como simpatia, respeito, antipatia, etc. A afetividade interior se apresenta de maneira mais estável.

**Operatório-concreto (7-12 anos):** Esta fase é caracterizada por operações que diferem as ações. Neste momento, vão surgindo as operações lógicas, o que Piaget chamou de modelos matemáticos. A criança nesta fase pensa antes de agir muito embora essa forma de pensar ainda necessite de objetos concretos que a ajudem a refletir sobre essa realidade.

**Operação-formal (12 ou mais anos):** A característica desta fase é a capacidade que a criança tem de distinguir entre o real e o possível, ou seja, ao se deparar com determinadas situações, ela será capaz de prever as possibilidades possíveis de resolvê-las, por meio de experimentações e análises. Assim seu pensamento assume um caráter hipotético-dedutivo, isso porque agora ela tem a capacidade de imaginação e o pensamento real. Sobre estes estágios de desenvolvimento na compreensão de Piaget, Cunha (2008, p.57) afirma que:

É importante que o professor conheça os estágios de desenvolvimento cognitivo do seu aluno para utilizar os mecanismos educativos apropriados que promovam práticas pedagógicas estimulativas, não restritivas, adequadas ao período de amadurecimento de cada idade.

Dessa forma, percebe-se a importância de um docente comprometido, que

também desenvolve laços de amizade e tem atenção com o aluno, permitindo para além de sua responsabilidade a compreensão dos estágios de desenvolvimentos de cada sujeito, motivando-o para que ele descubra suas próprias habilidades e capacidades.

A teoria piagetiana defende que o desenvolvimento do sujeito se caracteriza a partir das suas práticas no meio ao qual está imerso, considerando as influências e os fatores biológicos em seu desenvolvimento mental.

Embora Piaget não priorizando seus estudos sobre a afetividade, afirma que em todo comportamento as motivações e o dinamismo energético evidenciam a afetividade. Segundo Piaget (1992), não há uma ação meramente intelectual, bem como não há ações que sejam meramente afetivas.

Em seus estudos sobre a infância, Piaget descobriu que o raciocínio da criança se difere do adulto, o que o levou a criticar o modelo da pedagogia tradicional, mostrando que as crianças constroem seu próprio aprendizado. Através de suas contribuições acerca do desenvolvimento passou-se a considerar com maior relevância a infância e o desenvolvimento do sujeito, sendo um dos mais importantes aportes para a Pedagogia.

Para Piaget o desenvolvimento intelectual contempla duas esferas: uma afetiva e uma cognitiva. Para o autor, é impossível desvincular a afetividade da cognição. Dessa forma, como não há separação entre o afetivo e o cognitivo, o desenvolvimento social está diretamente ligado ao desenvolvimento cognitivo e afetivo, estabelecendo-se um vínculo ao passo que a criança relaciona-se com outras e também com adultos. A respeito disso, Piaget (1971, p. 271) relata que “a vida afetiva como a vida intelectual é a adaptação contínua e as duas adaptações são não somente paralelas, mas interdependentes, pois os sentimentos exprimem os interesses e os valores das ações, das quais a inteligência constitui a estrutura”. Ainda segundo o autor, é a partir das comunicações interpessoais que o sujeito torna-se social. Assim, compreendemos a importância destas relações, as trocas de experiências, atitudes e comportamentos entre as crianças, tanto quanto para os educadores que fazem parte do processo de ensino-aprendizagem.

No contexto educacional, as relações entre professor-aluno não passam despercebidas em salas de aula, já que muitas crianças refletem profundamente aquilo que sentem, não deixando de demonstrar muitos de seus sentimentos na convivência cotidiana, ao relacionar-se com os outros naquele

espaço. No entanto, para alguns docentes, falar da afetividade correlacionada à cognição é apenas um fato desconsiderado, um aspecto sem qualquer tipo de contribuição para a aprendizagem, o que resulta visivelmente em demonstrações de afetos superficiais. Sobre isso afirma Almeida e Mahoney (2004, p. 1998):

A medida que se desenvolvem cognitivamente, as necessidades afetiva da criança tornam-se mais exigentes. Por conseguinte, passar afeto inclui não apenas beijar, abraçar, mas também conhecer, ouvir, conversar admirar, a criança. Conforme a idade da criança, faz-se mister ultrapassar os limites do afeto epidérmico, exercendo uma ação mais cognitiva no nível por exemplo da linguagem.

Neste sentido, entendemos que a afetividade e a aprendizagem caminham juntas, relacionando-se as experiências entre o educador e o educando, sendo um dos fatores determinantes nas práticas educativas. Ao passo que se conhece o desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança o educador pode melhorar sua prática, aproximando-se e intervindo no desenvolvimento cognitivo, de modo a ampliar, privilegiar as maneiras afetivas, e priorizar o diálogo nos relacionamentos no âmbito escolar, possibilitando assim um ganho qualitativo no processo de ensino-aprendizagem.

## **CAPÍTULO II**

### **2 A AFETIVIDADE X RELAÇÃO ALUNO-PROFESSOR**

Segundo Cegalla, a afetividade representa “conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhadas sempre de dor ou prazer, de satisfação, de agrado e desagrado” (2005, p.36).

Tiba (2002) menciona que as crianças estão sendo inseridas na escola cada vez mais cedo, um dos motivos se dá ao fato dos pais trabalharem fora. E essa inserção imatura por vezes confunde a criança no que se refere ao compromisso da família e da escola. O estudioso ainda afirma que “A educação com vistas à formação do caráter, da autoestima e da personalidade, ainda é na maior parte, responsabilidade dos pais” (p.180).

Dessa forma, ainda que a responsabilidade da escola seja à de formar indivíduos autônomos e críticos, a família tem seu grande papel na formação da criança, uma vez que é no âmbito familiar que ela recebe seus primeiros ensinamentos, sendo os afetos um dos princípios essenciais nesta fase de desenvolvimento, pois quando a criança se sente amada e bem cuidada em seu lar, conseguirá enfrentar desafios, resolverá



situações com outros e consigo mesma. Da mesma forma acontece no ambiente escolar, se aluno encontra um professor paciente, que possa escutá-lo, alegre, que transmita-lhes sentimentos de otimismo, e principalmente carinhoso que possa recebê-lo com um sincero abraço, conseqüentemente se sente mais confiante, consegue interagir com maior facilidade, recebendo esses estímulos podem favorecer o seu desenvolvimento.

O professor precisa ter um bom relacionamento com o aluno, além de preocupar-se com a aprendizagem, deve compreender que por trás dos comportamentos desatentos no momento da explicação da aula, existe uma criança que muitas vezes necessita e espera uma palavra de esperança, um simples elogio, um abraço, um gesto de carinho que lhe proporcione felicidade, o que talvez nunca tenha sido vivenciado em seu próprio lar.

A aplicação da afetividade nas práticas docentes propicia o incentivar, aconselhar, apoiar, elogiar, cuidar e amar, pequenos gestos que muitas vezes são desconsiderados no momento de aprendizagem podem transformar a vida de um criança, resgatando a alegria pela vida e pela aprendizagem, no entanto, muitos docentes não consideram estes simples gestos como auxiliares para o desenvolvimento do aluno, e acabam deixando passar atitudes tão simples, mas que podem fazer toda a diferença no processo de ensino-aprendizagem. Cury destaca que “O elogio alivia as feridas da alma, educa a emoção e a auto-estima. Elogiar é encorajar e realçar as características positivas. Há pais e professores que nunca elogiaram seus filhos e alunos” (2003, p.143).

É relevante evidenciar que na relação entre aluno-professor há possibilidades do docente colocar-se no lugar do outro, estabelecendo um relação empática, capaz de ouvir, refletir e de compreender a forma como cada aluno desenvolve, entendendo que o ritmo de aprendizagem varia segundo as capacidades, motivações e interesses individuais, e que ele possa construir assim uma ponte entre o seu conhecimento e o que será construído no processo de ensino-aprendizagem. Assim, é de grande valia a participação do aluno, o diálogo, a curiosidade, desejos e expressões de vivências, participando de modo sagaz e crítico na construção e reconstrução de sua diversidade cultural e do grupo no qual faz parte. (GÓMEZ, 2000).

Diante desse contexto, Abreu & Masseto, relatam que:

É o modo de agir do professor em sala de aula, mais do que suas características de personalidade que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos; fundamenta-se numa determinada concepção do papel do professor, que por vez reflete valores e padrões da sociedade. (1990, p.115)

Fazendo uma correlação com esse ponto de vista, percebe-se que a escola

também tem um grande compromisso, não deve exclusivamente depender da atuação do professor, antes de tudo deve corroborar de forma ativa e conjuntamente ao corpo docente, família, e alunos, ou seja, todos os envolvidos diretamente no processo educativo, entendendo que o educando é um ser humano que além de aprender conceitos, necessita do amor, da confiança, do respeito, sentimentos esses que podem ajudá-los à serem sujeitos mais compassivos na sociedade.

Ao verificarmos o papel da escola unida aos demais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, levamos em consideração que é nesse espaço que devem ser construídos os valores necessários para se conviver bem em sociedade, por isso o trabalho educativo deve ainda ser pautado na valorização e no respeito mútuo.

De acordo com Pérez Gomes (2000), o papel do professor é ser mediador, que busca compreender como o processo do saber se constrói, por meio das mediações com o outro, pela interação entre sujeitos. O momento da aprendizagem deve portanto, transformar-se em trocas de experiências, descobertas e reflexões sobre as próprias ações, para conhecimento e para a ação educativa. Nesta concepção Rey (1995), argumenta a ideia de que nas relações professor-aluno, afetam-se as idealizações que um transmite ao outro, assim como as representações recíprocas. Dessa forma, a relação professor-aluno não pode centralizar-se meramente ao processo cognitivo, uma vez que estão envolvidos também nessa relação as dimensões afetivas.

Sob esses aspectos Freire afirma:

O bom professor é o consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é um desafio e não uma *cantiga de ninar*. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham a ida e vinda de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas. (1996, p.96)

Logo, percebe-se que o professor nesta perspectiva deixa de ser um mero reprodutor de conhecimento, dono do saber absoluto, e passa a ser um pesquisador que participa das descobertas, que auxilia na construção da aprendizagem, buscando alternativas para desenvolver o intelecto, organizando atividades que contribuam com o desempenho dos alunos.

No processo de ensino-aprendizagem a relação e a mediação são um dos fatores essenciais para o desenvolvimento da aprendizagem, assim como a relação professor-aluno colaboram efetivamente para a evolução desse processo.

Conforme Freire (1995), a relação pedagógica autoritária neutraliza, destrói a vontade do conhecimento, além de rejeitar o saber do aluno, não permite que o mesmo busque suas respostas, não abre espaço ao diálogo, nem consegue construir novos

saberes. Portanto uma educação ponderada na afetividade e na dialogicidade permitem que os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, se descubram, se respeitem, se amem, assim podem construir valores significativos para sua vida.

Segundo Freire (1967, p.66) “[...] o diálogo é uma relação horizontal. Nutre-se de amor, humildade, esperança, fé e confiança”. Nesta perspectiva freiriana verifica-se um elo entre a esfera afetiva e o diálogo que viabiliza a qualidade essencial do diálogo, o respeito mútuo entre educadores e educandos, ou seja, é na relação professor-aluno que juntos vão ser construídas relações afetivas, dialógicas, reflexivas e transformadoras, e neste processo vão sendo estabelecidos os saberes como trocas mediadoras ao longo da práxis pedagógica por meio de relações fortalecidas com afetividade e diálogo.

No entanto, ao falarmos sobre o diálogo não o reduzimos ao simples fato de falar como outro. Para além disso, “[...] o diálogo é o encontro no qual a reflexão e a ação, inseparáveis daqueles que dialogam, orientam-se para o mundo que é preciso transformar e humanizar” (FREIRE, 1980, p.83).

Nessa concepção freiriana, percebe-se que o valor afetivo adequa-se como uma direção que contribui para que o docente não priorize só os conteúdos, deve privilegiar essencialmente a formação desse sujeito, sendo o valor e o caráter um dos aspectos fundamentais. Desse modo as relações afetivas buscam a humanização.

Não há diálogo, porém se não há um profundo amor, ao mundo e aos homens. Não é possível a ‘pronuncia’ do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que o infunda. Sendo fundamento do diálogo, o amor, é também, diálogo (FREIRE, 2005, p.92).

Assim, o diálogo apresenta-se com uma ponte entre os sujeitos, no sentido de que possam refletir sobre sua realidade. Trata-se de uma prática que oferece espaço para a reciprocidade, para a escuta e para a compreensão, capazes de promover o respeito e o bem comum. Para entender essa prática dialógica, Freire acrescenta que:

[...] o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformando e humanizado, não se pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tão pouco torna-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes (FREIRE, 2005, p.91).

Nesta perspectiva, a partir do momento que o docente compreende a dimensão do diálogo tanto nas relações professor-aluno quanto para suas práticas educativas no espaço escolar como sendo fontes transformadoras na vida do aluno, passará a conduzir melhor suas ações e atitudes de maneira construtivas e auxiliadoras para o processo de ensino-aprendizagem.

A afetividade é percebida como uma ponte facilitadora nas relações entre professor- aluno, à medida que essas relações são favorecidas ambos refletem comportamentos que vão demonstrar fatores positivos ou negativos. O interesse pela aprendizagem também está diretamente vinculado com o tipo de relação que o aluno tem com seu professor, logo percebe-se os tipos de predileção por determinadas disciplinas, e explicitamente os entusiasmos pelas aulas de determinados docentes. “O aprender se torna mais interessante quando o aluno se sente competente, pelas atitudes e métodos de motivação adotados pelo docente na sala de aula” (SILVA; NAVARRO,2012).

Morales (2001) ressalta que as relações entre professor-aluno no espaço escolar apresenta certas complexidades, abrangendo diversos aspectos. Não deve restringir-se a uma relação didática vazia, nem a uma mera relação humana afetiva. É preciso compreender a dimensão das relações entre professor-aluno mediante todos os aspectos vivenciadas no âmbito escolar. O docente não deve construir apenas os conhecimentos informacionais, mas perceber outras necessidades pedagógicas, ainda que por vezes essas relações sejam difíceis, elas são peças fundamentais nos comportamentos e nas atitudes durante o processo de ensino- aprendizagem (SILVA; NAVARRO, 2012).

Dessa maneira, fica evidente que nas relações entre professor-aluno origina-se comportamentos que estão entrelaçados, os quais os atos de um, motivam atitudes no outro. “As relações entre professores e alunos, as formas de comunicação, os aspectos afetivos e emocionais, a dinâmica das manifestações na sala de aula faz parte das condições organizativas do trabalho docente, ao lado de outras que estudamos” (LIBÂNEO, 1990).

Portanto, o docente deve inteirar-se do contexto sociocultural da qual o aluno faz parte, esse é um dos pontos consideráveis para que seu trabalho seja eficaz, uma vez que conhecendo o espaço do aprendiz ele pode promover atividades pedagógicas prazerosas, motivadoras que despertem no aluno mais prazer pelo saber. Nesta perspectiva Cortella (1999) menciona que a escola deve criar e recriar o conhecimento e não apenas falar, pois o prazer precisa ser vivenciado e não apenas mencionado. No entanto, enfatiza que através do falar pode se repassar o prazer pelas coisas e a forma como se fala faz a diferença. Nesse sentido, quando o educador aborda questões que estimulam o prazer o discente acaba também representando seu gostar pelo que faz através de sua fala.

Neste sentido, a escola enquanto espaço socializador deve primar a afetividade nas relações educacionais, favorecendo práticas pedagógicas que envolvem a aprendizagem aliados as trocas de experiências, construindo o conhecimento por meio do incentivo, do ânimo e da solidariedade. Para Freire (1996, p.52) “saber que ensinar

não é transmitir conhecimentos, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou sua construção”. Portanto, pode-se assegurar que a afetividade está impregnada nas relações entre professor- aluno sendo um dos elementos de maior influência nos comportamentos contribuindo de maneira expressiva no aprendizado do aluno.

### **CAPÍTULO III**

#### **3 AFETIVIDADE E A PRÁTICA DOCENTE**

A afetividade na esfera educativa é percebida como um elo que une aluno e professor, sendo um subsídio que pode romper barreiras no ato de ensinar e promover a aprendizagem de maneira satisfatória. A criança é um ser dotado de afetividade e o professor um ser consciente de sua responsabilidade, precisa ter um olhar cuidadoso para perceber simples gestos e empenhar-se para ouvir os apelos do aluno, buscando compreender até mesmo determinadas situações vivenciadas no seio familiar que lhe causam tristezas e angústias, visto que podem dificultar em seu desenvolvimento escolar.

Segundo Silva (2005) a educação não se baseia exclusivamente ao ato de transmitir conhecimentos, e ensinar comportamentos, antes de tudo é uma missão de transformar a vida do sujeito. Sabemos que à todo momento adquirimos novos saberes, desse modo, estamos constantemente em um processo de aprendizagem. A aprendizagem é um conceito amplo que aborda a dinâmica de apropriação do mundo pelo ser humano e envolve aspectos psicológicos, biológicos e sociais. Por isso, mais que a apropriação por meio de uma exposição organizada e a proposição de um conjunto de atividades, envolve a interação entre os homens e o seu meio, os quais vivenciam uma relação de interdependência. Assim, a aprendizagem não se resume em aprender algo, como um processo acumulativo, semelhante a juntar coisas em um monte (ASSMANN, 1998.p.40).

Assim, podemos julgar que a educação é o cerne do desenvolvimento da pessoa humana e de sua existência na sociedade. Neste processo, o ser humano passa a compreender os preceitos vigentes na sociedade, que perpassam todas as instâncias da vida, como os hábitos, valores, crenças, e costumes.

Falar da afetividade como uma contribuição para o trabalho educacional é uma das maneiras construtivas para a realização do trabalho do professor. Compreendendo que sua meta principal é a aprendizagem do aluno, existem elementos indispensáveis para que isso ocorra, a afetividade é um dos elementos estimuladores que podem

contribuir significativamente para que esse processo ocorra, uma vez que, as atitudes humanas são permeadas pelos afetos, e elas podem ser fortemente transmitidas e vivenciadas principalmente no âmbito escolar. É por meio da afetividade que nós nos descobrimos, e também conseguimos observar os sentimentos do outro que está ao nosso lado, assim percebemos as diferentes personalidades, e somos capazes de lidar com elas a partir do momento que nos relacionamos.

Silva (2005) menciona que em todo o tempo a afetividade está vinculada a educação. No contexto atual, muitas produções científicas esclarecem que devemos entender o sujeito de modo fragmentado, salientando dois elementos básicos do seu comportamento a emoção e a razão. Quanto a isso, Cunha reforça essa opinião ao afirmar que:

Em qualquer circunstância, o primeiro caminho para a conquista da atenção do aprendiz é o afeto. Ele é um meio facilitador para a educação. Irrompe em lugares que, em muitas vezes estão fechados as possibilidades acadêmicos. Considerando o nível de dispersão, conflitos familiares e pessoais e até comportamentos agressivos na escola hoje em dia seria difícil encontrar algum outro mecanismo de auxílio ao professor mais eficaz. (2008, p.51)

Logo, o professor é um ser essencial no processo de ensino-aprendizagem, e está diretamente ligado ao desenvolvimento afetivo do aluno, visto que durante os momentos em que estão juntos em sala de aula têm a possibilidade de conhecer seus modos de ser, seus medos, suas ansias, alegrias, tristezas, limitações, bem como as suas capacidades. A afetividade influencia o aluno à expressar seus sentimentos em relação aos outros, e a si próprio, propicia laços de amizade colaborando assim para uma aprendizagem prazerosa, levando-o a ter mais vontade de aprender e realizar suas atividades.

De acordo com Lorenzoni (2004, p. 17), “desejamos na medida em que acreditamos que o objeto do nosso desejo possa nos dar o que nos completará no outro”, a partir do momento que apreciamos o outro estabelecem-se vínculos afetivos entre eles. Assim na concepção de Wallon, a afetividade constitui também uma conduta com profundas raízes orgânicas: os componentes vegetativos dos estados emocionais são bem conhecidos, a caracterização que apresenta a atividade emocional é complexa e paradoxal; ela é simultaneamente social e biológica em sua natureza: realiza a transição entre o estado orgânico do ser e a sua etapa cognitiva, racional, que só pode ser atingida através da mediação cultural, isto é social. A consciência afetiva é a forma pela qual o psiquismo emerge da vida orgânica: corresponde a sua primeira manifestação. Pelo vínculo imediato que instaura com o ambiente social, ela garante, o acesso ao universo simbólico da cultura, elaborando e acumulado pelos homens ao longo de sua história.

Dessa forma, é ela que permitirá a tomada de posse dos instrumentos com os quais trabalha a atividade cognitiva. Neste sentido ela dá origem. (LA TAILLE, OLIVEIRA; DANTAS,1992, p. 85)

Segundo Rodrigues (1976, p.173), em relação a aprendizagem, uma das principais razões de se aprender encontra-se enraizada internamente no sujeito. Neste sentido, identificamos que a criança aprende quando se sente estimulada, quando é incentivada, e despertada à curiosidades, e principalmente quando esse algo é de seu profundo interesse.

Assim, é considerável afirmar que a mediação pedagógica realizada pelo professor favorece o processo de ensino-aprendizagem, perfazendo de maneira significativa a qualidade dessas relações para o êxito na aprendizagem do aluno.

A afetividade é vista como uma demonstração de sentimentos, no qual os sujeitos são afetados por meio das emoções, essas demonstrações de querer bem, de ter cuidado com o outro, são capazes de motivar as trocas de experiências, ou melhor, compreende como as pessoas experimentam as situações de afeto e como os outros se manifestam a seu respeito. Ainda é responsável por envolver as pessoas, e promover situações de reciprocidade, visto que, os laços afetivos interferem diretamente nas emoções e transformam a vida da criança.

Segundo Barros (2003, p.1), “a afetividade acompanha o ser humano desde a sua vida intrauterina até a morte se manifestando como uma forte geradora de potência e energia”. A afetividade pode ser relacionada ao “alicerce sobre o qual se constrói conhecimento racional” por este motivo deve ser “prazerosa e ligada à ação afetiva”.

Dessa maneira, compreendemos que a afetividade está ligada ao saber, com o desenvolvimento da criança que reage de maneira otimista ao receber estímulos positivos, demonstrando-se mais confiante nas ações e atitudes e preparada para novos desafios.

Percebemos que as situações vivenciadas em um determinado momento da vida tanto no espaço familiar quanto no escolar, podem refletir profundamente no comportamento da criança, uma vez que quando ela vivência a prática dos afetos demonstram ser crianças mais seguras, com autoestima elevada, ou seja, há manifestação de sentimentos mais positivos, já crianças que sentem a ausência de afetos são propícias à serem negativas, refletem crianças sem confiança em si próprias e se sentem desestimuladas.

Dessa forma, Silva (2001) salienta a importância de um professor afetivo, que proporcione mais segurança ao seu aluno, que gere um espaço agradável ao seu

desenvolvimento, que estimule o diálogo, uma vez que, através de gestos e palavras percebe-se que a afetividade está presente à todo momento na sala de aula, na postura do professor, pela prática de seu trabalho e nas relações entre os sujeitos.

Proporcionar uma educação de forma afetiva é imprescindível, pois auxilia aos docentes em suas práticas pedagógicas, desde o início da Educação Infantil na formação das crianças, que a partir dos seus primeiros contatos no espaço escolar, conseguem demonstrar e perceber as manifestações de sentimentos, sendo essa, uma das fases da vida onde há uma maior percepção e envolvimento sentimental, seja no respectivo lar ou na escola com pessoas diferentes do seu convívio familiar, é nessa fase que a maioria das crianças expressam com mais intensidade suas afeições, aceitações e estabelecem vínculos, sendo distinta dos anos iniciais do Ensino Fundamental, onde os alunos já realizaram muitas descobertas, a afetividade continua legitimada, mas com outro olhar, dissociando a cognição dos afetos, as crianças começam nesta nova etapa à reconhecer-se e a construir sua personalidade.

Segundo Wallon (1979), existem dois elementos importantes que alicerçam a personalidade do sujeito: a afetividade e a inteligência. Ao falarmos dos aspectos afetivos associamos as sensações internas que se direcionam ao contexto social, para a constituição do sujeito, por outro lado a inteligência perpetua-se nas sensações externas, focalizadas no mundo físico, para a estruturação do objeto. O vínculo entre o indivíduo e o objeto de conhecimento e a afetividade, estão em evidência nas práticas pedagógicas fomentando a curiosidade e a empatia, direcionando e oportunizando a criança para avançar em suas descobertas e no processo de ensino- aprendizagem.

Neste sentido, verificamos a importância de um educador engajado e responsável com sua prática e principalmente com seu aluno, que se disponibiliza em harmonizar o seu espaço escolar, se comprometendo em transformar o lugar da aprendizagem em um lugar dialógico, acolhedor, amigável, e favorável para seu progresso.

No processo de ensino-aprendizagem, o professor é um mediador, o condutor que utiliza-se da ferramenta pedagógica para transformar a vida de uma criança. Nesse âmbito, passa a identificar carências e os comportamentos distintos de seus alunos, assim como, percebe as características individuais de níveis de aprendizagens, uma vez que nem todos conseguem se desenvolver do mesmo modo.

Siqueira e Silva Neto afirmam que:

A sensibilidade do professor torna-se capaz de entender os estágios do desenvolvimento da criança, fazendo-a vivenciar o mundo de imaginação, sonhos, alegrias e etc. O professor precisa conhecer bem a criança, para usar de estratégias que produzam resultados



satisfatórios, concordar que o aluno tem um papel importante no uso da didática adotada pelo professor [...](2001, p. 7)

Portanto, a afetividade no processo de ensino-aprendizagem não se limita apenas na maneira de como o professor estabelece o carinho físico com seu aluno, mas acima de tudo, quando o mesmo tem consciência de sua importância enquanto formador, orientador que pode ir muito além de um transmissor de conhecimentos, demonstrando também sentimentos afetivos, estes sentimentos exercem um importantíssimo papel durante toda a vida, mas principalmente quando criança, fase em que se concentra todo o processo de aprendizagem.

A influência que as relações afetivas ocupam no processo de ensino-aprendizagem é essencial na construção do conhecimento, o valor das relações humanas e mediação entre os sujeitos são indispensáveis durante todo o processo de ensino-aprendizagem.

Sabe-se que a criança no âmbito escolar recebe mediações e se relaciona com os seus mediadores, dessa forma demonstra por meio de sentimentos o que lhe foi significativo, posteriormente o desenvolvimento sucede em seu processo cognitivo, manifestando desta maneira o que ela aprendeu.

Quanto a isso, explica Tassoni:

[...] os sentimentos e emoções produzidos na dinâmica da sala de aula marcaram de maneira significativa a relação dos alunos com o objeto de conhecimento. A intensidade das emoções e sentimentos, agradáveis ou desagradáveis, produzidos nas práticas pedagógicas, possibilita a aproximação ou o afastamento dos alunos com o objeto de conhecimento, levando-o a gostar ou não gostar de aprender e de fazer. Dessa mesma forma, a maneira como cada professor manifestava a sua relação com o objeto de conhecimento, e com a própria docência, produzia sentimentos que aproximavam ou afastavam os alunos do objeto de conhecimento (TASSONI, 2008, p. 207-208).

Diante desse contexto, compreende-se que os educadores devem valorizar a importância da afetividade nas relações no cotidiano escolar, uma vez que essas relações afetivas vivenciadas de maneira positiva contribuem na aprendizagem dos alunos. Nessa perspectiva:

[...] é possível defender que há uma sensibilidade, por parte dos alunos em relação ao tipo de mediação feita pelo professor, que revela a forma como eles são afetados, provocando diferentes sentimentos que influenciam o processo ensino-aprendizagem, interferem na relação com os conteúdos e na visão que cada aluno tem de si mesmo. (TASSONI, 2008, p.164).

Partindo dessa premissa, na educação escolar no que diz respeito aos processos de ensinar e aprender apresentam-se características diversas. Não devemos avaliar o

docente como sendo apenas um intermediário de sua práxis que apresenta-se como figura entre aquele que ensina e o que aprende. Os processos de ensino e aprendizagem exprimem uma certa tensão, no que se refere aos conteúdos, a disciplina, ao que ensinar, e como ensinar, por isso observamos inúmeras resistências por parte de alunos no momento da aprendizagem.

Compreendendo que a aprendizagem acontece de maneira espontânea, cabe ao professor, utilizar-se estratégias que viabilizem a vontade, o desejo pelo aprender, só assim aquelas determinadas insatisfações podem ser superadas, através de habilidades e métodos criativos.

É papel do professor estimular o raciocínio, a intuição e a criatividade, pois ao receber esses estímulos o aluno sentirá mais desejo do conhecimento, visto que o processo de aprendizagem é algo natural, assim como a inteligência não apresenta-se pronta e nem permanece definitiva, ambas são construídas, e vão evoluindo à medida que a criança passa de um estágio de desenvolvimento para outro. Nesse sentido, compreende-se que professor é o mediador da relação do aluno com o mundo com aquilo que ele irá conhecer. Para Paulo Freire

O professor deve ser um mediador de conhecimentos, utilizando sua situação privilegiada em sala de aula não apenas para instruções formais mas para despertar os alunos para a curiosidade; ensiná-los a pensar, a ser, persistente e ter empatia e ser autores e não expectadores no palco da existência. O aluno tem que ter interesse em voltar à escola no dia seguinte reconhecendo que aquele momento é mágico para sua vida. (1993, p.71)

Cabe salientar que ao iniciar na escola a criança passa a relacionar-se com outras pessoas, com os demais colegas de sala e professores que até aquele momento não faziam parte de seu convívio social. Partindo desse pressuposto, a maneira de como esses sujeitos exteriorizam suas afeições, seus modos e suas palavras, podem favorecer as aptidões para o ensino-aprendizagem. Portanto, é preciso que o professor busque estratégias de socialização, utilize recursos favoráveis para o progresso do aluno e estimule-os nos aspectos físicos, cognitivos, afetivos e psicológicos.

É sabido que ao nascer o sujeito já é um ser social, as adaptações no espaço familiar e as novas experiências nas práticas educativas são elementos que podem definir a trajetória de vida, principalmente em suas atitudes e comportamentos na sociedade da qual faz parte. Diante disso, em um contexto atual com novos atrativos tecnológicos, a escola requer educadores mais atenciosos e afáveis, em vista disso, um dos pontos significativos é o vínculo afetivo entre professor-aluno. Desse modo,

sabemos que a afetividade tem seu papel de contribuição por estar presente em todas as esferas de nossas vidas, pois a criança ao sentir-se querida e amada desenvolve habilidades com maior vontade e dedicação.

### **3 METODOLOGIA**

#### **Caracterização da Pesquisa**

Para desenvolver esta pesquisa, foi realizada uma abordagem qualitativa, pois ela oferece os dados básicos para a compreensão entre o sujeito e sua situação, assim como uma compreensão acerca das atitudes e comportamentos, abarcando concepções e práticas em um contexto específico. (BAUER; GARKEE, 2008).

Assim, para entender as atitudes e comportamentos do sujeito em estudo na sala de aula, foram utilizadas nesta pesquisa a observação qualitativa que visa explorar ambiente, subculturas e a maioria dos aspectos da vida social do grupo e a estudar, descrever comunidades, ambientes e as diferentes atividades exercidas pelos participantes e os significados das mesmas; compreender processos, interpelações entre pessoas e suas situações ou circunstância, eventos padrões, contexto sociais e culturais; identificar problemas; generalizar hipóteses para futuros estudos (MARCONI E LAKATOS, 2011, p. 274).

Neste sentido, Richardson (1999) salienta que a pesquisa qualitativa é capaz de evidenciar detalhadamente os significados e características circunstanciais apresentados pelo sujeito. A escolha pela observação na sala de aula teve como finalidade compreender como a afetividade pode contribuir com o processo de ensino-aprendizagem e favorecer as relações aluno-professor. Dessa forma, a presente pesquisa apresenta um estudo de caso descritivo, de natureza qualitativa.

De acordo com Severino (2007, p.121) “o estudo de caso é a pesquisa que se concentra no estudo de um caso particular, considerando representativo de um conjunto de casos análogos, por ele significativamente representativo”.

Na pesquisa observou-se um dos alunos da sala do 3º ano do ensino fundamental I, pois ao termos o contato direto com a criança foram surgindo inquietações, percebemos que o mesmo não desenvolvia as atividades com autonomia, e ainda relatava-nos que não sentia a menor vontade de aprender. Buscamos analisar a postura da professora frente aos aspectos afetivos vivenciados na sala de aula.

As observações foram realizadas por um período de 7 meses, considerando que foram dias intercalados e não diários. As observações objetivaram evidenciar as

atitudes e comportamentos do aluno na sala de aula, e as relações interpessoais com a professora e os envolvidos nesse espaço. Para o registro das observações utilizamos um caderno de anotações acerca principalmente dos relatos que a criança fazia durante os momentos que estivemos atuando como residentes auxiliando a docente.

### **Local e período de coleta de dados**

A pesquisa foi realizada em uma Escola Municipal de Campina Grande-PB, numa sala de 3º ano do ensino fundamental I, composta por 25 alunos.

As observações tiveram início no mês de fevereiro e término do mês de setembro de 2019.

Objetivamos coletar dados por meio das observações em sala de aula, onde foram realizadas anotações referentes à um dos alunos dessa sala, e a aplicação de questionário. Os dados coletados para a pesquisa deu-se através de um questionário para a professora, sendo realizado em um dia.

### **Sujeitos e Universo da Pesquisa**

O público alvo dessa pesquisa constituiu-se por um dos alunos da sala de aula e sua respectiva professora.

A pesquisa objetiva analisar a postura da professora frente aos aspectos afetivos vivenciados na sala de aula e ainda refletir as atitudes e os comportamentos do aluno em estudo durante os momentos de aprendizagem.

Marconi e Lakatos (2003, p.190) ressaltam a observação como “uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar”.

Neste sentido, percebe-se a importância do olhar enquanto sujeito pesquisador, que busca refletir sobre uma determinada realidade.

### **Instrumentos de coleta de dados**

Utilizou-se como instrumento de coleta de dados a observação e um questionário de cinco perguntas direcionadas a professora da sala de aula do 3º ano do ensino fundamental I.

Marconi e Lakatos (2003, p.201) definem o questionário sendo “um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser

respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”.

Nesta perspectiva, busca-se analisar as respostas do questionário, e fazer comparações acerca do que foi observado no espaço da pesquisa.

#### **4 ANÁLISES E DISCUSSÕES**

As questões apresentadas para as análises buscaram verificar o contexto escolar e confrontar no espaço da sala de aula o comportamento da criança em estudo e a postura da professora relacionando-se as questões afetivas e ao ensino-aprendizagem. O aluno instigou-nos durante os momentos das atividades propostas, demonstrando desmotivação e dificuldades de aprendizagem.

Um dos aspectos que mais chamou-nos nossa atenção surgiu logo na primeira semana de aula quando a professora solicitou que o aluno escrevesse uma redação falando sobre suas férias, e o mesmo não quis escrever. Ao tentarmos ajudá-lo, perguntamos por qual motivo não queria falar sobre suas férias, relatou-nos que não sabia ler e nem escrever. Observamos que seu nome estava identificado no caderno, e perguntamos quem havia escrito, ele respondeu que escrevia apenas o que a professora copiava, acrescentando: “Tia, tem muito tempo para eu aprender... à noite!”. Logo, imaginamos que ele estava se referindo ao Ensino de Jovens e Adultos. Perguntamos porque iria esperar tanto tempo para aprender, e nos respondeu que os joguinhos do seu celular eram muito mais interessantes.

No decorrer dos meses, começamos a nos inquietarmos sobre quais motivos levaria uma criança esperta, saudável, sem nenhum tipo de laudo ainda não estar alfabetizada.

Observamos a postura da docente, e percebemos que seu objetivo maior era conseguir desenvolver a aprendizagem dos alunos. Dessa forma, buscamos analisar como vivenciava-se as relações interpessoais entre professor-aluno, e perceptivelmente descobrimos que elas demonstravam mais profissionalismo, o que elucidava a maneira como a docente chega à sala de aula, acolhe as crianças naturalmente sem afagos e realiza seu trabalho.

##### **Análises do discurso da docente**

As questões presentes no questionário aplicado a professora giravam em torno de investigar acerca de como se relacionava afetivamente na sala de aula não apenas com a criança sujeito de nossa pesquisa, mas que abrangesse de forma macro de que maneira eram estabelecidas as relações interpessoais entre professor e aluno. Nesse

sentido, apresentamos a seguir as questões abordadas e as respostas apresentadas pela docente:

**Questão 1: Você trabalha questões sobre a afetividade com os alunos? De que forma?**

*“As questões afetivas são trabalhadas diariamente, desde que as crianças chegam na sala de aula, através de palavras carinhosas e com gestos, pois acredito que o processo de Alfabetização ocorre mais rápido quando se encontra no ambiente que é aceito sendo um indivíduo capaz, uma vez que trabalho baseada na teoria de Wallon”.*

De acordo com o discurso da professora é perceptível que a forma como acontece a abordagem afetiva ao outro influencia nas relações, tendo em vista a forma como as crianças são recebidas no início da aula. Ainda cita Wallon, estudioso que defende a afetividade, em seu discurso. O que implica dizer que conhece da teoria sobre essa temática e sabe da influência dela no ensino-aprendizado da criança. Como base nisso, compreende-se que o autor citado é um referencial no que tange a produções acerca das concepções e influências relacionadas a afetividade direcionada ao sujeito que envolvem emoções, e sentimentos. Considerando que estes aspectos estão diretamente inter-relacionados nas relações professor-aluno influenciando no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Wallon (1971), as manifestações de caráter afetivo podem suscitar emoções e ser o resultante delas. Conforme o autor, as crianças ao despertarem seus sentimentos, desencadeiam aspectos que favorecem a excitação motora. Quando elas são postas em situações de realizar alguma atividade tendem geralmente para os aspectos que as deixam mais entusiasmadas. Neste sentido, o professor deve atentar-se para as diferentes situações ocorrentes na sala de aula, pois muitas destas podem estar relacionados com o estado emocional da criança e deve ser consideravelmente refletidos.

**Questão 2: Comente como acontece a relação professor-aluno no cotidiano escolar.**

*“A relação professor-aluno no cotidiano escolar é baseada no respeito, de modo que a minha inicia onde começa a do outro, ou seja, em um processo constante de disciplina”.*

Conforme o discurso da professora, a maneira expressiva como utilizou-se relacionando o respeito ao processo disciplinar torna evidente a perspectiva de que os direitos são iguais para ambos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem, tendo em vista a maneira como a disciplina é fortemente vivenciada. Entende-se assim, que à medida que o professor for respeitado o aluno também será.

Sabe-se que o respeito é tipo de ação que pode ser refletida de maneira positiva

ou mesmo negativa, uma vez que as ações representativas é que irão direcionar o tipo de relacionamento que se tem com o outro. O que pressupõe que essas relações quando são cultivadas de forma saudável, contribuirão para a aceitação e apreciação dos alunos paracom o professor. No entanto, as manifestações disciplinares autoritárias refletem certa tensão durante o ensino-aprendizagem.

Conforme destaca Nunes (2009, p.85) “a autoridade e a postura firme do professor possibilita pactos e ajustes, porque permitem que o aluno entenda que o professor é quem conduz, e orienta seus alunos, mas estes não se baseiam em disciplina de opressão”. Sendo assim, entendemos que as atitudes do docente durante as trocas de experiências e de aprendizagem no espaço escolar, é que vão direcionar o estabelecimento das relações professor-aluno.

**Questão 3: Você acredita que a relação professor-aluno influencia na aprendizagem do aluno? Explique.**

*“Claro. A relação professor-aluno é imprescindível no processo de ensino aprendizagem, pois é através da mesma que serão criados laços para que haja os avanços da turma”.*

De acordo com a afirmativa da docente percebe-se que a mesma sabe que é por meio das trocas de experiências e conhecimento diário que se estabelecem vínculos, pois acredita nas influências que essas relações podem transmitir no processo de ensino-aprendizagem, haja vista que esses laços citados podem ser entendidos como as atitudes, gestos e palavras que colaboram significativamente no momento das realizações das atividades, no convívio entre os colegas na sala de aula, além da empatia pelo professor e principalmente pela motivação com o trabalho desenvolvido, tudo isto vai estar perceptível no espaço da sala de aula, na interação entre os sujeitos envolvidos.

“Quando não são satisfeitas as necessidades afetivas, estas podem resultar em barreiras para o processo de ensino-aprendizagem, e portanto, para o desenvolvimento, tanto do aluno como do professor” (MAHONEY & ALMEIDA, 2004, p.26). Portanto, compreende-se que as relações entre professor-aluno são fundamentais para o processo ensino-aprendizagem, pois permeiam as ações propícias ao convívio agradável e para o crescimento pessoal de cadaum, visto que ambos podem conviver com diferentes opiniões e pensamentos distintos dos seus.

**Questão 4º: Descreva de que forma a prática pedagógica, o ensino-aprendizagem e a afetividade se relacionam.**

*“Tendo como embasamento teórico Wallon, e vivenciado isto na minha prática de sala*

*de aula. As crianças aprendem com mais facilidade quando são estimuladas pelo carinho do professor”.*

De acordo com a profissional de ensino, sua prática pedagógica norteia-se pelas teorias do estudioso Wallon, afirmando vivenciá-la em sua prática docente. Com base nestes princípios teóricos é importante destacar que o estudioso por ela citado buscou entender o sujeito de maneira completa, ou seja, desde os aspectos de origem biológicos quanto os de origem psicológica, investigando-se em que contexto o sujeito estava inserido, e principalmente que fatores influenciam em seu desenvolvimento afetivo e social, dando ênfase às questões relacionadas às emoções no contexto da sala de aula como sendo um dos fatores relevantes neste processo para se compreender algumas atitudes comportamentos no âmbito educacional.

Neste sentido, a docente entende que as crianças ao se sentirem queridas, amadas e principalmente elogiadas, vão aprender e desenvolver-se de maneira satisfatória, uma vez que este pode ser um dos únicos espaços que a criança consegue vivenciar sentimentos de carinho e atenção, considerando para isto as diversas situações familiares que as crianças vivenciam em seus lares.

#### **Questão 5º: Você se considera satisfeita com sua profissão?**

*“Apesar de problemática que existe na educação, o qual o processo de ensino aprendizagem perpassa pelas questões de ordem social, me considero sim realizada principalmente quando meus objetivos são alcançados no final de cada ano”.*

De acordo com o discurso supracitado é destacado acerca das questões relacionadas à ordem social, embora afirme ser realizada em sua profissão, podem trazer-nos uma reflexão e expressar certo vazio, um desencanto pela profissão docente que ainda não tem seu devido valor e que vão se acumulando com as problemáticas enfrentadas no cotidiano escolar, tendo em vista que as questões de ordem sociais perpassam e englobam diversos aspectos na sociedade da qual fazemos parte, afetando diretamente àqueles que não têm seus direitos reconhecidos perante as leis, e dessa forma acaba prejudicando profundamente a vida do sujeito, e conseqüentemente em sua vida escolar.

#### **Reflexões sobre a criança sujeito da pesquisa**

À princípio, na primeira semana de aula, percebemos que a criança não havia desenvolvido o processo de leitura e escrita. Ela demonstrava certo desinteresse e desmotivação para realizar as atividades, além do fato de não ter autonomia para realizá-las sozinha. As primeiras tentativas de descobrir quais motivos a levavam ao



desinteresse despertou-nos certa curiosidade, desse modo buscamos observar cuidadosamente as atitudes da criança. Verificamos que um dos motivos se dava ao fato dela trazer escondido em sua bolsa um celular, e por vezes deixava de lado as atividades para jogar. Então, pedimos-lhe que não trouxesse mais, explicando que naquela aula iríamos aprender coisas importantes e também muito legais, já que ela relatava que os joguinhos do celular eram muito interessantes, fato que evidencia o desejo pelo jogo, visto que eles trazem muitos desafios. É neste contexto que devemos repensar a prática docente, no sentido de proporcionar a aprendizagem sendo de forma mais criativa, propondo atividades que despertem maior interesse ao realizá-las.

Outra questão que julgamos ser importante era o fato da criança demonstrar desmotivação, falta de vontade para realizar as atividades, permanecia a maioria do tempo calada no seu cantinho, não interagia. Neste sentido, ao percebermos estes aspectos começamos a acompanhá-la individualmente, direcionando e explicando as atividades. Intencionalmente passamos a incentivar, motivar, a elogiar em tudo que ela fazia, encorajando-a, para participar dos momentos de atividades dinâmicas no quadro, expressando suas ideias e opiniões. A maneira atenciosa como lidávamos com a criança durante os momentos de aprendizagem proporcionaram sua confiança, e ocasionava os relatos sobre suas vivências cotidianas, fatos que evidenciavam alguns de seus comportamentos de desânimo na sala de aula.

Em uma das atividades propostas para produção de um cartão para a mãe, a criança recusou-se a produzir. Ao perguntarmos os motivos, ela respondeu que os cartõezinhos que eram feitos para a mãe depois iam para o lixo, e isso a deixava triste. Em outros momentos de aprendizagem para desenvolver a escrita ela despertou interesse de escrever um bilhete para as residentes, relatando que gostava da nossa presença na sala, expressando muita alegria. Em poucos meses de trabalho diferenciado e principalmente afetivo com a criança, verificamos que nossas ações pedagógicas contribuíram significativamente com o processo de aquisição da leitura e da escrita da criança. Ao passo que esses momentos aconteciam, também se estabeleciam laços de confiança, amizade, respeito e inclusive de gestos de carinho e amor. É inegável que a partir das vivências afetivas com a criança, ela conseguiu demonstrar seus sentimentos e relacionar-se com as outras crianças com mais facilidade, além de desenvolver essencialmente o processo de leitura e escrita.

Em meio a descoberta do mundo da leitura a criança despertou para o significado encantador das letras e o celular foi substituído por um livrinho de gibi nos momentos vagos, fato que presenciamos na sala de aula. Os momentos de socialização

favoreceram para uma convivência agradável tanto para aluno-aluno e entre professor-aluno. As intervenções direcionadas durante esse processo de ensino-aprendizagem geraram alegrias e receptividades, que se refletiam assim que chegávamos na sala de aula, sendo recebidas com um forte abraço, com palavras dóceis e demonstrações carinhosas, que repetiam-se na saída como despedida. A professora ao presenciar essas trocas de afetos, chamou a atenção de toda a turma para solicitar que aqueles gestos não atrapalhassem as aulas, deixando bem claro que aquelas atitudes só poderiam ser expressadas fora da sala de aula, preferencialmente no momento do intervalo.

### **Comparando as análises**

Analisadas as observações voltadas aos comportamentos e atitudes do aluno, além dos relatos e considerando as respostas do questionário direcionadas com a professora, verificamos nesta pesquisa que existe o conhecimento da temática para a docente, assim como identificamos a contribuição da afetividade para o processo de ensino-aprendizagem, visto que os resultados foram alcançados.

No entanto, observamos que a carência da afetividade na prática pedagógica da docente, deixaram evidentes o distanciamento das necessidades afetivas da criança, que certamente precisava de apoio e atenção individualizado. Para tanto, as colaborações das residentes na sala de aula permitiram a realização de um trabalho que possibilitou-nos despertar esse olhar afetivo, utilizando a prática pedagógica aliada a afetividade como sendo uma ferramenta auxiliar que imprescindivelmente contribuiu no momento da aprendizagem da criança. Percebemos assim, que a criança conseguiu desenvolver o processo de leitura e escrita a partir do momento que teve uma atenção diferenciada, bem como expressadas por gestos de carinhos, palavras de elogios, incentivos que despertaram o desejo pelo conhecimento e a construção da sua aprendizagem.

Levando em consideração que em muitas circunstâncias da vida da criança a afetividade é negligenciada pelos próprios pais, percebe-se que esses fatores também são levados para o âmbito escolar, e conseqüentemente as crianças esperam a atenção e o carinho que não conseguiram vivenciar em seus lares. Salienta-se que em outras circunstâncias da vida da criança essa carência afetiva pode desencadear-se de diferentes maneiras, sendo capaz de acarretar sentimentos de antipatia ao outro, a insatisfação pelo seu professor, não conseguindo assim manter relações saudáveis. Portanto, verificamos que são distintas formas de comportamentos que podem se desenvolver pelo fato da criança não vivenciar os sentimentos afetivos, visto que essa condição humana causam-lhes prazer e satisfação.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve com finalidade refletir a dimensão afetiva no processo ensino-aprendizagem, e as influências nas relações professor-aluno durante esse processo. Para tanto, trouxemos discussões acerca de como a afetividade pode ser aplicada nas práticas pedagógicas, objetivando abranger alguns fatores que influenciam e contribuem no desenvolvimento do sujeito e conseqüentemente na sua vida educacional.

Dado o exposto, evidencia-se que a afetividade é um fator determinante no processo de ensino aprendizagem e no desenvolvimento da criança, visto que permeia as relações entre professor-aluno, considerando o docente sendo um agente essencial para que essa prática afetiva seja vivenciada de maneira recíproca.

De acordo com as observações realizadas com o aluno em estudo, percebemos que à medida que se sentia motivado, elogiado e recebido com carinho durante os momentos em que estivemos na escola, ele conseguia expressar seus sentimentos por meio de palavras carinhosas, atitudes receptíveis com abraços e bons comportamentos com os outros na sala de aula, tendo em vista que seu olhar e suas atitudes não expressavam mais o desânimo, percebíamos um maior interesse pelas atividades, participando de aulas dinâmicas, interagindo e socializando as temáticas trabalhadas, e em poucos meses seu progresso já era perceptível, iniciava-se o processo de aquisição da leitura e escrita.

Dessa forma, julgamos que o apoio, a atenção, o carinho, as motivações, e elogios durante as trocas de experiências enquanto residentes na sala de aula colaboraram para a realização de um trabalho diferenciado, com novos atrativos, e com atitudes pertinentes onde compreendemos a afetividade sendo um dos fatores fundamentais para o seu desenvolvimento social, cognitivo, intelectual dos alunos.

Através da pesquisa realizada podemos compreender que não basta apenas o conhecimento científico nas práticas pedagógicas, é preciso ter clareza de que os modos como expressamos ou não os sentimentos em relação ao outro no âmbito escolar podem refletir de maneira profunda no comportamento, nas atitudes e principalmente na aprendizagem da criança.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, MASSETO, M. C; MARCOS, T. **O professor em sala de aula**. São Paulo. MG. Editores Associados, 1990.
- ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; MAHONEY, Abigail Alvarenga. **A Constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- ASSMANN, HUGO. **Reencantar a educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- BAUER, Martin, Wigaskell, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de: Pedrinho A. Guareschi. 6º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. P. 64-88.
- BARROS, Rosley Sulek Buche. **Educar com afetividade sabendo dizer não**. 2003. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/opinião.opinião.asp?entrID=133>. Acesso em 08 de agosto 2019.
- BERNI, R. I. G. **Mediação**: Conceito vygostkyano e suas implicações na prática pedagógica. Simpósio Nacional e Simpósio Internacional de Letras e Linguística, 11 anais. Brasília DF. 2006, p. 2533-2542.
- CEGALLA, Domingos Pascoal. **Dicionário escolar da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.
- CORTELLA, M. S. **A escola e o conhecimento**: fundamentos epistemológicos e políticos. 2º ed. São Paulo, Cortez: Instituto Paulo Freire, 1999.
- CUNHA, Antônio Eugênio. **Afeto e Aprendizagem, relação de amorosidade e saber na proposta pedagógica**. Rio de Janeiro. Wake, 2008.
- CURY, Augusto J. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003. DÉR, L.C.S. **A constituição da pessoa: dimensão afetiva**. In: Mahoney, A. A. e ALMEIDA, L.R. (Orgs.). **A constituição da pessoa na proposta de Henry Wallon**. São Paulo: Loyola, 2004.
- FACCI, M. G. A. **Periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonis e Vigotsky**. Cadernos CEDES, Campinas, v.24n.24, n.62, p.64-81, abr.2004.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1967.
- \_\_\_\_\_. **Professora SIM tia NÃO- Cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo, ed. Olho d'água, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática docente**. São Paulo: Paz e Terra. 1996.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 4º ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.
- GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon**: Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 2º ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 1995.
- GOMES, A.I.P. Aprendizagem escolar da didática operatória a reconstrução da cultura na sala de aula. In: SACRISTÁN, J.G. PEREZ GÓMES, A. I. **compreender e transformar o ensino**. 4º ed. Porto Alegre: Artemed, 2000.
- GOULART, Iris Barbosa. **Piaget**: experiências básicas para a utilização pelo professor/ Iris Barbosa Goulart, 29. Ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- LIBÂNEO, J. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990.

- LORENZONI, Melnie Viale. **Vínculo afetivo e aprendizagem**. Porto Alegre: EST edições 2004.
- MARCONI, M. de A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5º ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 6º ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- MAHONEY, Abigail Alvarenga & ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henry Wallon. **Revista da psicologia Educação**, nº 20-2005. Acessado em 01 de outubro de 2019.
- MORALES, P. V. **A relação professor-aluno o que é, como se faz**. São Paulo. Editorial y Distribuidora, 2001.
- NUNES, Vera. **O papel das emoções na Educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.
- PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Rio Janeiro: Zahar, 1971.
- REY, F. G. **Comunicación, Personalidad y Desarrollo**. Havana: Pueblo Educación, 1995.
- RICHARDSON, R. J. et al. **Pesquisa Social: Métodos e técnicas**. 3º ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- RODRIGUES, Marlene. **Psicologia educacional: uma crônica do desenvolvimento humano**. São Paulo: Mc Graw- hill do Brasil, 1976.
- SILVA, O. G; NAVARRO, E. C. A relação Professor-aluno no Processo de Ensino Aprendizagem, 2012. Interdisciplinar: Revista Eletrônica da Univar (2012) nº8 vol 3, p. 95- 100, 2012. Issn 1984-431x. (on-line). Disponível em: <http://revistaunivar.edu.br>. Acesso em: 16 de setembro de 2019.
- SILVA, M. L. F. S. **Análises dimensões afetivas nas relações professor-aluno**. Campinas, Unicamp: FE 2001.
- SILVA, Ana Paula de Oliveira da. **Um olhar entre o saber e o sentir trabalhando com a afetividade e a inteligência na escola**. Porto Alegre: Publicações, 2005.
- SIQUEIRA, Alessandra Maria de Oliveira, SILVA NETO, Demuniz Diniz da. **A afetividade na aprendizagem dos alunos**. Trabalho de conclusão de curso (graduação em Licenciatura plena em pedagogia) –faculdade de Ciências Educação e Teologia do Norte do Brasil. Roraima, 2011. Disponível em: <<<http://www.faceten.ed.br/importância%20da%20afetividade%20na%20aprendizagem.pdf>>>. Acesso em: 10 de agosto de 2019.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23.ed.. São Paulo: Cortez, 2007.
- LA TAILLE, Y. de L. OLIVEIRA, M. R; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky e Wallon: Teorias psicogenéticas em discursão**. São Paula: Sumus, 1992.
- TASSONI, E. C. M. **A afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno**. In: Reunião Anual da Amped, 23, 2000, Caxambu. Anais. Caxambu: ANPED, 2000 a. Disponível em: <<

TIBA, I. **Quem ama educa**. São Paulo: Gente, 2002.

VIGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança da criança**. Lisboa: Edições 70, 1999.

\_\_\_\_\_. **Do acto ao pensamento**. Lisboa: Moraes Editores, 1978.

\_\_\_\_\_. **As origens do carácter da criança**. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1971.

\_\_\_\_\_. Ecrits et souvenir (textes de Wallon sur des auteurs de son choix). **Enfance**, n.1-2, p. 15, 1968.

**APÊNDICE- QUESTIONÁRIO DE PESQUISA APLICADO COM  
A PROFESSORA DA TURMA**

1. Você trabalha questões sobre a afetividade com os alunos? De que forma?
2. Comente como acontece a relação professor-aluno no cotidiano escolar.
3. Você acredita que a relação professor-aluno influencia na aprendizagem do aluno? Explique.
4. Descreva de que forma a prática pedagógica, o ensino-aprendizagem e a afetividade se relacionam.
5. Você se considera satisfeita com sua profissão?